

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO  
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA SAÚDE  
CURSO DE PSICOLOGIA

MARINA GUEDES CASTRO FAHRER

**A REDE SOCIAL PESSOAL DOS POLICIAIS MILITARES:  
UMA ANÁLISE DA TRAJETÓRIA RELACIONAL DO PERSONAGEM  
CAPITÃO NASCIMENTO NO FILME “TROPA DE ELITE”**

SÃO PAULO

2019

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO  
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA SAÚDE  
CURSO DE PSICOLOGIA

MARINA GUEDES CASTRO FAHRER

**A REDE SOCIAL PESSOAL DOS POLICIAIS MILITARES:  
UMA ANÁLISE DA TRAJETÓRIA RELACIONAL DO PERSONAGEM  
CAPITÃO NASCIMENTO NO FILME “TROPA DE ELITE”**

Trabalho de Conclusão de Curso  
como exigência parcial para  
graduação no curso de Psicologia  
apresentado na Pontifícia  
Universidade Católica de São  
Paulo, sob orientação da Profa.  
Dra. Maria Thereza de Alencar  
Lima.

SÃO PAULO

2019

À minha mãe,  
meu orgulho e exemplo de força.

## **AGRADECIMENTOS**

Aos meus pais, Lucienne e Sergio, por todo o amor e dedicação. Por me apoiarem e me ajudarem a descobrir a minha força. Obrigada por serem o meu exemplo de dedicação, perseverança, e por terem me dado infinitas oportunidades. Obrigada principalmente por terem aberto as portas do mundo para mim e me mostrado o caminho.

Ao meu noivo, Tommy, por toda a paciência, amor, companheirismo e por acreditar sempre em mim. É um privilégio poder construir uma vida ao seu lado. Obrigada por me ajudar a ver beleza nas coisas simples, ter esperança na vida e no tempo e por nunca ter soltado a minha mão.

Ao meu irmão, Max, por todos os momentos de aprendizado e pela certeza de que nunca estarei sozinha.

Aos meus avós, Edson, Wilma, Raquel e Aviv, por sempre sentirem orgulho de mim e me acolherem com tanto carinho.

À minha querida amiga, Camila, quem sempre esteve do meu lado e quem pode me entender e acalmar com um simples olhar.

À querida e incrível professora Teca, por toda a sensibilidade com a qual me acolheu durante todo esse processo e por fazer todo o trabalho ser mais doce.

Aos mestres da faculdade, que me ensinaram tanto.

## RESUMO

Em nosso país, o ambiente de trabalho da polícia militar se caracteriza como eminentemente masculino e hierárquico, tanto durante a formação do policial quanto no decorrer de sua carreira. A rede social pessoal, que se compõe pelas relações de trabalho, de amizades, familiares e comunitárias, constitui uma das chaves centrais da experiência de identidade, bem-estar, competência e agenciamento dos indivíduos (Sluzki, 2007). O objetivo deste Trabalho de Conclusão de Curso foi identificar, descrever e analisar as principais relações da rede social pessoal do Capitão Nascimento (Tropa De Elite, 2017), discutindo a expressão e o impacto da masculinidade e também do ambiente corporativo da Polícia Militar na rede de apoio deste personagem. Após revisão do filme e escolha das principais cenas/momentos que envolveram outros personagens considerados importantes na rede do Capitão Nascimento, estas foram organizadas em Linhas do Tempo temáticas, a saber: relações de amizades, trabalho, família e comunitárias. Percebeu-se que as relações interpessoais do trabalho do personagem se sobrepuseram em quantidade, frequência e importância às relações com família, amizade e comunitária. O desequilíbrio na rede pessoal do personagem, gerado pela ausência ou pelo desfazimento de outros apoios pessoais foi considerado, ao mesmo tempo, fruto e consequência da masculinidade hegemônica, expressa de maneira impessoal em comunidades, na cultura e nas instituições mas também de forma pessoal, no padrão de conduta do personagem principal desta história.

DESCRITORES: Polícia militar; rede social pessoal; Tropa de Elite; Capitão Nascimento; linha do tempo, masculinidade.

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO</b>	<b>6</b>
<b>2. GÊNERO E MASCULINIDADE</b>	<b>10</b>
<b>3. MAPA DA REDE SOCIAL PESSOAL</b>	<b>14</b>
<b>4. MÉTODO</b>	<b>19</b>
<b>5. RESULTADOS</b>	<b>21</b>
5.1 Linha do Tempo 1- Trabalho	21
5.2 Linha do Tempo 2- Família	24
5.3 Linha do Tempo 3- Amizades e Relações Comunitárias	28
<b>6. DISCUSSÃO</b>	<b>33</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b>	<b>40</b>
<b>ANEXO- RESUMO DO FILME</b>	<b>43</b>

## 1. INTRODUÇÃO

A função da Polícia Militar no Brasil faz parte de importantes e extensas discussões no país, seja relacionado à repressão política, seja devido à violência na atuação destes profissionais sobre os problemas de uma sociedade, também bastante violenta e desigual. Apesar do impacto social da violência na vida do cidadão comum, pouco se é estudado e compreendido sobre a carreira policial em si, sobre o ambiente corporativo militar, o estilo de vida e os vínculos de rede dos profissionais em questão.

Sabe-se, entretanto, que a história da Polícia Militar Brasileira é constituída prioritária e principalmente por integrantes do sexo masculino, assim como outras atividades profissionais cujo objetivo é fiscalizar e impor obediência. De acordo com Ludmila Ribeiro (2014), o fato de haver mais indivíduos do gênero masculino faz parte de um pensamento social retrógrado que define como masculinas as funções de vigilância, proteção e repressão. A inclusão das mulheres neste campo profissional iniciou-se somente na década de 1950 e apesar de um aumento significativo nos últimos 30 anos, profissionais policiais do gênero feminino representam apenas 12% do total efetivo em tempos atuais.

Sabe-se também que a obediência à uma rígida hierarquia faz parte da profissão. Segundo Ciro de Barros (2015), as ordens recebidas nunca devem ser questionadas e o assédio moral pode ser considerado uma constante na formação do Policial Militar, Formação esta valorizada na progressão de carreira, mas na qual estão ausentes temas e disciplinas como direito penal, constitucional e direitos humanos. Ainda de acordo com o mesmo autor, dos cerca de 21 mil profissionais de segurança pública de São Paulo, 98,2% afirmam que a formação e o treinamento deficientes são fatores muito importantes para entender a dificuldade do trabalho policial.

Cada Polícia Militar se subordina ao seu Estado, mas tem como base uma mesma cadeia hierárquica, composta por oficiais (superiores, intermediários e subalternos), e por praças (Especial, Graduado e Praça).

*Tabela- Classificação da Hierarquia da Polícia Militar*

<b>Oficiais Superiores</b>	<b>Oficial Intermediário</b>	<b>Oficiais Subalternos</b>	<b>Praça Especial</b>	<b>Praça Graduado</b>	<b>Praças</b>
I - Coronel	Capitão	I - Primeiro Tenente	I - Aspirante-a-oficial	I - Sub-Tenente	I - Cabo
II - Tenente Coronel		II - Segundo Tenente	II - Aluno-oficial ou Cadete (de 4º a 1º ano)	II - Primeiro Tenente	II - Soldado 1ª Classe
III - Major				III - Segundo Tenente	III - Soldado 2ª Classe
				IV - Terceiro Tenente	IV - Soldado-PM Temporário

Figura 1

Além da importância da hierarquia, o trabalho da Polícia Militar é bastante similar ao do Exército nos regulamentos disciplinares internos, bastante rígidos. O Regulamento Disciplinar da Polícia Militar do Estado de Santa Catarina, por exemplo, contém artigos que chegam a justificar o uso da violência, de acordo com a hierarquia:

Art. 16 - São causas de justificação: 4) ter sido cometida a transgressão pelo uso imperativo de meios violentos a fim de compelir o subordinado a cumprir rigorosamente o seu dever, no caso de perigo, necessidade urgente, calamidade pública, manutenção da ordem e da disciplina (p. 9<sup>1</sup>).

Em outra parte do mesmo regulamento, denominada “relações de transgressões”, está explícita a importância dada aos vínculos a serem criados entre os policiais, de maneira a justificar, novamente, possíveis punições. No item 3, lê-se: “Concorrer para a discórdia ou desarmonia ou cultivar inimizade entre camaradas” (p. 26). Ou ainda no item 41: “Ter pouco cuidado com o asseio próprio ou coletivo, em qualquer circunstância” (p. 28).

Como podemos perceber, são dificuldades que permeiam a atuação profissional dos policiais a formação deficitária, a rigidez da hierarquia e das normas aos quais estão submetidos, além do estresse de toda atuação que implica em risco de vida. A antropóloga e professora do Departamento de Segurança Pública da Universidade Federal Fluminense, Jacqueline Muniz, considera que o medo é uma constante na vida do policial:

Essa cultura faz com que o policial se sinta inseguro na rua justamente por uma insegurança institucional e um policial inseguro é pior do que um policial mal pago. Ele se vê o tempo todo com medo de ser punido. Os policiais sempre dizem: "se eu faço demais eu sou punido, se eu faço de menos eu sou punido, se eu não faço, eu sou punido" (BARROS apud MUNIZ, 2015, p. 13).

---

<sup>1</sup> O artigo faz parte do Regulamento Disciplinar da Polícia Militar do Estado de Santa Catarina, escrito em 1980 no Brasil, e disponível em:

[https://www.google.com/search?q=Regulamento+Disciplinar+da+Pol%C3%ADcia+Militar+do+Estado+de+Santa+Catarina%22&rlz=1C1GCEB\\_enBR848BR848&oq=Regulamento+Disciplinar+da+Pol%C3%ADcia+Militar+do+Estado+de+Santa+Catarina%22&aqs=chrome..69i57j0.407j0j7&sourceid=chrome&ie=UTF-8](https://www.google.com/search?q=Regulamento+Disciplinar+da+Pol%C3%ADcia+Militar+do+Estado+de+Santa+Catarina%22&rlz=1C1GCEB_enBR848BR848&oq=Regulamento+Disciplinar+da+Pol%C3%ADcia+Militar+do+Estado+de+Santa+Catarina%22&aqs=chrome..69i57j0.407j0j7&sourceid=chrome&ie=UTF-8). Acesso em 14 de maio de 2019.

Em outro artigo sobre os policiais militares, Edinilsa Ramos de Souza, Maria Cecília de Souza Minayo, Juliana Guimarães e Silva e Thiago de Oliveira Pires (2012) afirmam que, no caso dos policiais militares, o nível de estresse é superior ao de outras categorias profissionais, pela natureza das atividades realizadas, pela sobrecarga de trabalho e pelas relações internas fundamentadas em hierarquia rígida e disciplina militar. Os autores defendem que, além de sentirem medo por si mesmos, os policiais o sentem também por suas famílias. E tal medo "é uma forma de defesa do corpo e do espírito dos que vivem sempre alerta aos perigos" (SOUZA et al., 2012, p. 2). Mas como lidam com seus medos os policiais? Podem livremente expressá-los? Encontram cuidados efetivos frente a tanto estresse e rigidez, assédio e inseguranças? A masculinidade hegemônica, (associada à força, resistência, dureza, competência física, dominação) atua sobre seus relacionamentos no trabalho e na sua vida pessoal? A rede pessoal do homem policial o protege e o reassegura nas dificuldades que enfrenta?

A fim de refletir algumas destas questões, este trabalho se compôs de dois capítulos teóricos, " Gênero e Masculinidade" e "O Mapa da Rede Social Pessoal", que pretendem trazer elementos de compreensão dos vínculos formados entre os companheiros de corporação e a relevância deles nas relações sociais particulares e afetivas dos policiais.

## 2. GÊNERO E MASCULINIDADE

Sob uma perspectiva moral, a violência sempre foi considerada indesejável para a sociedade e inconciliável com as relações sociais e direitos humanos.

Para além disso e, tomando como base a sua dimensão social e a representação desta no filme "Tropa de Elite" através de constantes cenas constituídas por uma forte violência, a dominação e suas raízes apresentam-se como elementos constituintes de uma visão social sobre a masculinidade.

Plínio de Almeida Maciel Junior (2006) considera a autodesvalorização de reações tidas como violentas como consequência de uma tensão existente entre "ser macho" e "ser masculino", que seria caracterizada por uma insegurança do indivíduo. Se esta masculinidade depende da aprovação de outros homens, ela tem como emoção principal o medo de não corresponder e, conseqüentemente, a vergonha.

No filme escolhido como material de estudo para este trabalho, "Tropa de Elite", há muitas cenas nas quais se apresenta a construção do gênero masculino em processo, relacionada à expressão da independência e autossuficiência e à negação ou desvalorização de suas afetividades. Isto está de acordo com um sentimento de razão, segundo Seidler (1991), citado na Tese de Doutorado "TORNAR-SE HOMEM- O projeto masculino na perspectiva de gênero" ainda de Maciel (2006). O filme retrata, de maneira bastante extensa e insistente, cenas de treinamento para novos possíveis integrantes do BOPE, Batalhão da Polícia Militar do Rio de Janeiro, e se vê claramente o poder de ação da rígida hierarquia em torno da qual se organiza o padrão de masculinidade que é fonte de conflito e violência entre aspirantes e oficiais.

Alguns estudos da área de Psicologia e Social, apontam que a masculinidade existe em mais de um nível. Está presente na forma impessoal, em comunidades, na cultura e nas instituições, assim como na forma pessoal de padrão de conduta de cada

sujeito. Assim, uma organização como a das Forças Armadas, por exemplo, manifesta notoriamente essa masculinidade através ações apoiadas em padrões de gênero:

Organizações como as Forças Armadas e as corporações embutem padrões de gênero particulares na sua cultura organizacional, podendo produzi-los deliberadamente por meio de programas de treinamento (JUNIOR, 2010, p. 46).

Em um estudo realizado por Roberto DaMatta (2010) há uma narrativa a respeito de uma brincadeira típica de crianças da década de 1950. Nesta brincadeira, uns tocavam os traseiros dos outros para ver suas reações, como se fosse uma espécie de “teste” de masculinidade. Segundo o estudo, este “teste” introduziu um gesto ritual repetitivo e socialmente aprovado, destinado a esculpir desde cedo este tipo de masculinidade testável. Conforme argumentado no texto, “ser homem” não diz respeito apenas a ter um corpo de homem, mas também mostrar-se como “masculino” o tempo todo: “Um dos preços da masculinidade, portanto era uma eterna vigilância das emoções, dos gestos e do próprio corpo” (DAMATTA, 2010 p. 138). Assim, a “cara quebrada” de um homem se constitui como um sinônimo social de dureza, mas também de sensibilidade e emotividade à agressão e ao conflito. As pessoas que possuem esta “cara de homem”, segundo o artigo, têm expostas em si mesmos uma “essência masculina” que separa e seleciona visivelmente os fortes dos fracos, e qualquer objeto relacionado à agressão pode, então, a partir desse raciocínio, ser usado como uma comparação ao órgão sexual masculino.

A metáfora sexual de “dar a bunda” é muito comumente usada para desqualificar um policial de posição inferior na hierarquia militar. É com essa expressão que um Coronel, por exemplo, se refere a um Tenente, que por sua vez a usa para conter um Cadete, na corporação da Polícia Militar. É a partir da constatação deste fato que Roberto DaMatta afirma: “ O machão brasileiro enfrenta tudo, menos uma firme passadela de mão no seu traseiro, ou uma frustrante e vergonhosa brochada” (DAMATTA, 2010, p. 147).

É importante ressaltar que, para além da influência da concepção social da ideia de masculinidade na profissão em questão, alguns outros fatores podem estar relacionados à construção dos vínculos que são formados na rede social pessoal dos policiais militares. Se aceitarmos estas considerações como importantes na formação da “masculinidade”, por oposição podemos compreender que, socialmente, a feminilidade estaria relacionada à impotência, à fraqueza e à covardia. Ao invés de um comportamento que ataca violentamente, a ideia de feminilidade estaria relacionada a estabelecer-se como uma "morada", que está lá sempre para acolher.

Para Cappelle e Melo (2010, p. 80), ao se discutir a análise e definições de relações de gênero, é importante relevar:

[...] a instância em que e por meio da qual os seres humanos aprendem a se converter e a se reconhecerem como homens e mulheres, nos diferentes contextos históricos, culturais e sociais. Porque referida a um corpo físico, portanto natural, a diferença sexual assume um estatuto de fixidez e universalidade, que oculta as clivagens, reagrupamentos e ressignificações produzidas na dinâmica de relações de poder e resistência, específicas e particulares, que constroem e reconstroem o sujeito sexuado (apud MEYER, 1996, p. 48-49).

De acordo com as autoras, as poucas policiais do sexo feminino que existem no corporação acreditam que relacionamentos pessoais de amizade verdadeira são difíceis de se conseguir dentro da organização. Este pensamento pode ser importante causa da restrita e limitada participação feminina na profissão. Ainda citando Cappelle e Melo (2010, p. 89),

Uma das origens dessa crença vem desde o início da participação feminina na organização, quando as mulheres eram proibidas de conversar com os homens e tinham várias outras restrições de caráter pessoal, formal e informal (apud LIMA, 2002).

Será possível afirmar, portanto, que a ideia de masculinidade e suas características se estruturam como componente principal para a configuração da rede social pessoal do militar?

### 3. MAPA DA REDE SOCIAL PESSOAL

Uma vez que possamos pensar nesta profissão socialmente situada como "masculina", podemos relacionar a rede social presente na vida do Policial Militar com a característica, advinda dessa masculinidade, de se construir uma rede social ampla e fortalecida durante a vida. De acordo com esta idéia, Miguel Vale de Almeida (1996), integra ao conceito de masculinidade a importância de um grupo de amigos na definição de lazer para os homens.

Em Pardais, os grupos de amigos são mais restritos do que a grande massa de homens que se encontram no café. Estes grupos promovem actividades conjuntas, sobretudo fora do espaço da aldeia, por um lado, e fora do tempo da sociabilidade normal, ou seja, durante a noite. Essas actividades vão da simples refeição num restaurante, até uma saída para a caça, ou uma saída nocturna a um baile de outra aldeia, ou ainda a visita a uma boite — o que no léxico local significa um local de semi-prostituição (ALMEIDA, 1996, P. 168).

As autoras Mônica Carvalho Alves Cappelle e Marlene Catarina de Oliveira Lopes Melo, também expõem essa centralidade das relações de gênero na vida desses policiais:

O trabalho das policiais do operacional da PMMG está marcado pelas relações de poder e gênero, seja em seu cotidiano, nos relacionamentos que estabelecem, na relação entre o seu trabalho e a sua vida pessoal, seja nas dificuldades que enfrentam no exercício de sua função (CAPPELLE; MELO, 2010, p. 72.).

Segundo Sluzki (1997), autor do texto "A Rede Social na Prática Sistêmica", as fronteiras de um indivíduo incluem tudo aquilo com o que ele interage, ou seja, não se limitam à família, mas incluem todo o conjunto de vínculos interpessoais. Esta estrutura

social é então essencial para que uma compreensão dos processos sociais seja feita, e pode ser definida como a soma de todas as relações significativas para o sujeito assim como através de suas estruturas, funções e atributos do vínculo .

Essa rede corresponde ao nicho interpessoal da pessoa e contribui substancialmente para seu próprio reconhecimento como indivíduo e para sua auto-imagem. Constitui uma das chaves centrais da experiência individual de identidade, bem-estar, competência e agenciamento ou autoria, incluindo os hábitos de cuidado da saúde e a capacidade de adaptação em uma crise (SLUZKI, 1997, p. 42).

Para posicionar as características das redes sociais na vida de um sujeito, Sluzki formula o seguinte gráfico:

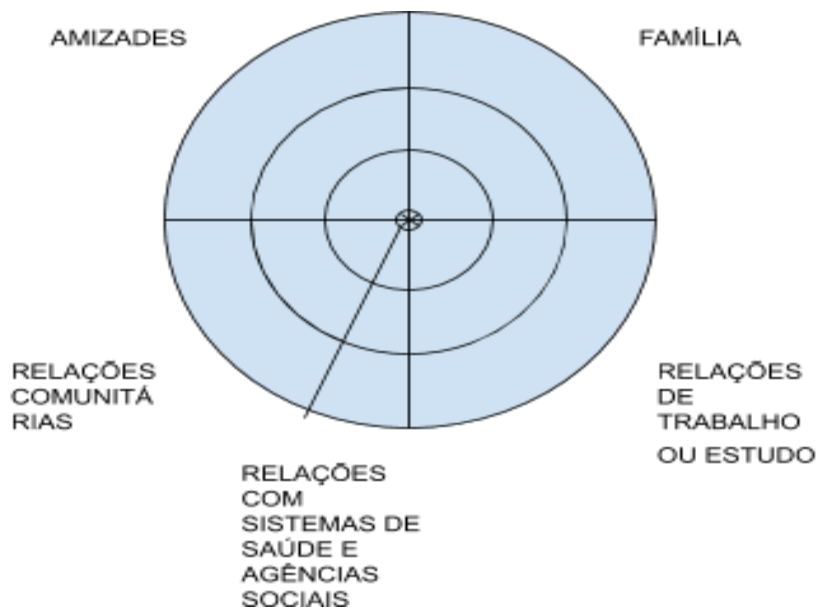


Figura 5<sup>2</sup>

<sup>2</sup> Gráfico aos moldes desenvolvidos por SLUZKI no livro " A REDE SOCIAL NA PRÁTICA SISTÊMICA", presente na página 43 do mesmo.

É interessante pensar, dentro do contexto da Psicologia, que existem perguntas na prática clínica que podem definir os integrantes de uma rede social e estabelecer a fronteira desta. Ainda de acordo com o Sluzki (1997), estas poderiam ser: "Quem são as pessoas importantes da sua vida?" ou "Com quem você conversou, ou encontrou, nessa última semana?"(p.44). Podemos perceber então, que a maior parte das perguntas que podem ser feitas sobre a rede social de um sujeito que trabalha como Policial Militar, remetem principalmente às relações do trabalho, salientando mais uma vez o quanto a rede pessoal formada no trabalho é, ou pode ser, principal.

Como adição à este pensamento, Carmen Leontina Ojeda Ocampo Moré Maria Aparecida Crepaldi (2012), trazem as redes sociais como um recurso de apoio recebido e percebido. Em suas próprias palavras:

A possibilidade do sujeito se sentir “reconhecido pelo outro” numa determinada situação vital, por meio da compreensão e aceitação de suas emoções, dificuldades e opiniões, ou por comportamentos e ações, seja de ajuda material, ou conselhos, evidencia a importância do papel e das funções que as redes sociais desempenham junto ao sujeito, sua família ou grupos sociais aos quais pertence (MORÉ; CREPALDI, 2012 p. 2).

Na pesquisa realizada por Edinilsa Ramos de Souza, Maria Cecília de Souza Minayo, Juliana Guimarães e Silva e Thiago de Oliveira Pires (2012) , o ambiente de trabalho de um profissional da Policial Militar demonstrou envolver lugar de importância nas vidas dos profissionais, em virtude do tempo que se é dedicado, das exposições às situações de riscos e aos processos desgastantes que o trabalho demanda. No Rio de Janeiro- RJ, o ambiente é cercado por condições materiais precárias, cargas horárias excessivas, uma remuneração baixa, entre outras coisas.

No livro "Missão Prevenir e Proteger" (2008) também é apresentado um estudo sobre as condições de trabalho, saúde e qualidade de vida da Polícia Militar do Rio de Janeiro. Neste, as autoras associam as sensações de sofrimento e prazer dos trabalhadores policiais às relações profissionais :

O enfoque da psicodinâmica do trabalho (Dejours, 1999) mostra que as vivências de sofrimento e de prazer estão associadas, fortemente, às relações socioprofissionais. Quando o ambiente de trabalho é bom, mesmo que as tarefas sejam difíceis e desafiantes, os estímulos positivos funcionam como fatores de êxito. Mas, quando o clima relacional é ruim, ocorre o que Dejours denomina "pressão para trabalhar mal (MINAYO; SOUZA; CONSTANTINO, 2008 p. 142).

Foram então ressaltadas as respostas aos questionários que mostram que 95% dos oficiais e 89,9% dos não-oficiais disseram que gostam de trabalhar com seus colegas, e 86,8% dos oficiais e 77,9% dos não-oficiais respondeu que tem um bom relacionamento com os superiores. Mesmo sendo estes os resultados, 74,2% dos oficiais e 57,6% dos não-oficiais apontam ser difícil o seu ambiente de trabalho, retratando uma contradição no discurso, talvez proveniente de dificuldades do próprio objeto de trabalho.

Outros resultados da mesma pesquisa, feita com 288 PMs praças do sexo masculino (devido ao baixo número de mulheres), mostram que a maioria dos sujeitos são: adultos jovens, casados, têm tempo na polícia de mais de 18 anos, carga horária semanal total maior de 48, horário de trabalho diurno, hora extra e folgas menores que um dia/semana (p.6). Além disso, ressaltou-se que a maioria dos conflitos diz respeito a relações familiares.

Em diálogo com resultado referente aos conflitos familiares, a pesquisa feita por Derenusson, Fernando C. e Bernardo Jablonsky (2010), com 111 esposas/companheiras de policiais militares da cidade do Rio de Janeiro, abordou duas formas de impacto sobre a família: direto (fatores circunstanciais do trabalho policial

sobre a família) e indireto (forma como se dá a interação do policial com sua família). Foram averiguadas suas manifestações a partir de dois eixos: operacionalidade (relacionada à natureza interna ou externa do serviço policial), e o da graduação (relacionado à forma como o tempo de serviço influencia na percepção de impacto de suas companheiras). Os resultados da pesquisa indicaram que o impacto direto se sobressai em relação ao indireto e que houve um aumento da incidência de impacto com o passar do tempo de serviço militar.

Além disso, a pesquisa traz como algo habitual os relatos de companheiras de policiais que retratam uma mudança não desejável nestes, após suas entradas na Corporação. São descritas mudanças que envolvem maior rigidez, indiferença em relação à família e até agressões verbais ou físicas, comportamento observado também ascendente por graduação. Nas palavras dos autores:

Da mesma forma, nos deparamos com casos de policiais que, após passaram por situações traumáticas, ficaram impossibilitados de prover à sua família o apoio emocional outrora disponível (DERENUSSON; JABLONSKI, 2010, p. 27).

Como resultado, a pesquisa apresenta também quais são os fatores que mais afetaram/afetam as famílias, nas concepções das esposas/companheiras, e estes foram: Preocupação com a Segurança do Policial, Salário, Preocupação com a Segurança da Família, Atitudes do Policial em Casa e Horário de Trabalho do Policial.

#### 4. MÉTODO

O presente Trabalho de Conclusão de Curso buscou identificar, descrever e analisar as principais relações da rede social pessoal do Capitão Nascimento (Tropa De Elite, 2017), discutindo a expressão e o impacto da masculinidade e do ambiente corporativo da Polícia Militar na rede de apoio deste personagem, refletindo também sobre o possível lugar das relações comunitárias, especialmente da Psicologia, dentro deste contexto.

A escolha deste filme considerou que seu realizador, José Padilha, se baseou em fatos reais ao retratar a vida do Capitão enquanto integrante do Batalhão da Polícia Militar do Rio de Janeiro (BOPE). A partir das relações travadas entre o personagem principal e outros secundários, foi possível identificar e refletir sobre a construção de sua masculinidade e a configuração de sua rede social pessoal. A fim de alcançar o objetivo proposto, fez-se necessário seguir alguns passos:

- Ver o filme algumas vezes e fazer o resumo da história (Anexo I);
- Selecionar algumas cenas/momentos do filme que apresentassem ou mencionassem os relacionamentos e/ou os vínculos significativos para o personagem principal;
- Organizar esta seleção em linhas do tempo temáticas: trabalho, família e amizades e relações comunitárias.

A Linha do Tempo é um instrumento didático que possibilita a visualização de fatos e processos que se queira focalizar, assim como permite a ampliação no tempo de outros fatos pertencentes ao contexto estudado (Corcione, 2006). As temáticas das linhas do tempo (amizade, trabalho, família e relações comunitárias) foram escolhidas considerando o Mapa da Rede Social Pessoal proposto por Carlos Sluzki (2007). Os

resultados obtidos foram apresentados de maneira esquemática, a fim de propiciar um panorama dos principais vínculos e acontecimentos referentes a cada temática. As linhas do tempo construídas foram analisadas separadamente (por temática) e conjuntamente (como se correlacionam entre si). Posteriormente, os resultados foram discutidos considerando as referências levantadas nos capítulos teóricos intitulados Gênero e Masculinidade e Mapa da Rede Social Pessoal.

## 5. RESULTADOS

### 5.1. Linha do Tempo 1- Trabalho

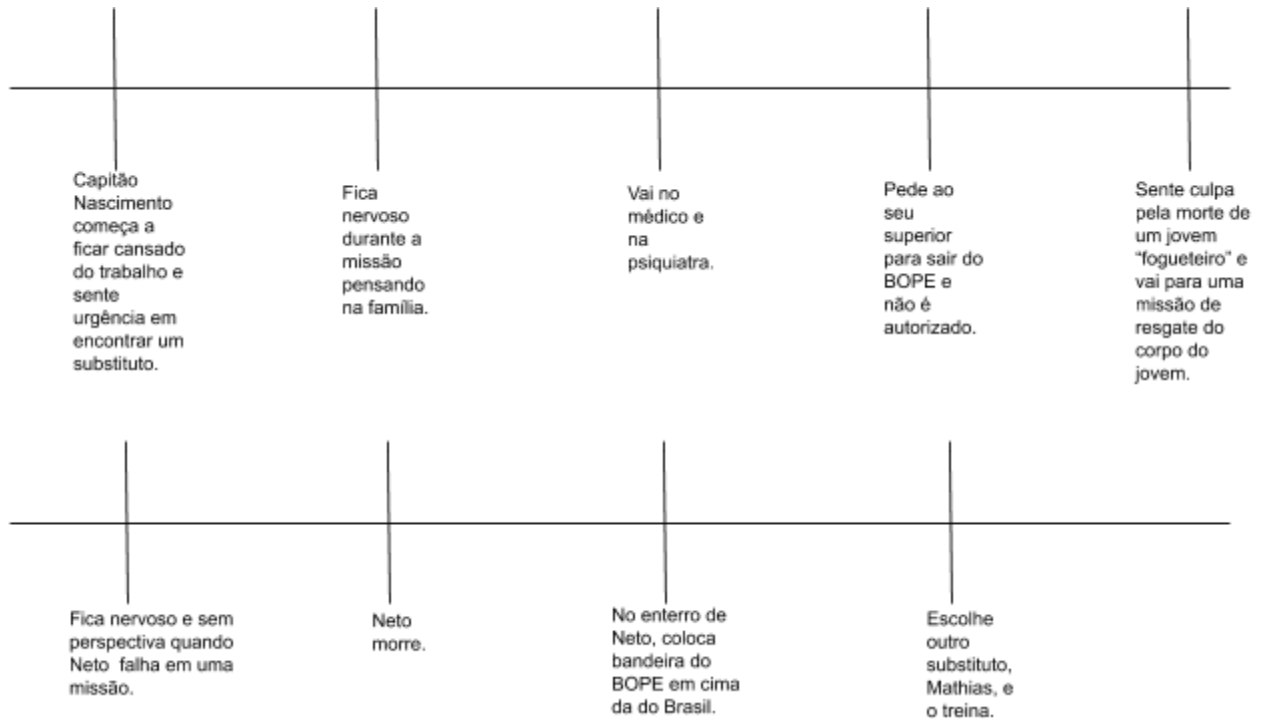


Figura 2

Através dos anos vividos para o trabalho, conforme retratado no filme, muitas coisas aconteceram e marcaram a história e as relações de trabalho do personagem principal, Capitão Nascimento. As cenas selecionadas que compuseram esta linha do tempo foram expostas acima, na *Figura 2*.

Percebemos, nas cenas escolhidas, a presença importante de quatro outros homens na vida do Capitão: um superior, dois possíveis substitutos e um jovem fogueteiro. Figuras masculinas entre as quais dois falecem, um “fracassa” e ao outro, sua vontade é submetida.

Spode e Merlo (2006), retratam o trabalho policial como pleno de contradições. O trabalhador policial têm a função de conter a violência ao mesmo tempo que a reproduz e a ela é submetido. Nesta contradição, o policial precisa, frequentemente, lidar com a autoridade, a agressão e o risco de morte para a maioria dos que convive e para si próprio. A atividade profissional dos policiais os coloca cotidianamente em situações de estresse, pela frequência com que lida com a agressividade e morte. Estas condições de trabalho justificam os resultados da pesquisa de Couto et al (2012), realizada com 325 alunos dos cursos de formação de oficiais da Polícia Militar de um estado brasileiro, com idades entre 18 e 49 anos (90,8%, homens) que se queixaram de estresse (55%), cansaço excessivo (44,3%), pensar constantemente em um só assunto (38,8%), irritabilidade excessiva (33,3%), perda do senso de humor (33,3%), angústia/ansiedade diárias (33%). Estes aspectos podem ser facilmente percebidos na relação do Capitão Nascimento com seu trabalho e com as pessoas significativas do seu ambiente do trabalho (possíveis substitutos e general) e também àquelas que se tornam, para ele, significativas (fogueteiros<sup>3</sup>) porque representam a injustiça, o paradoxo em sua profissão. Ainda de acordo com Couto e al. (2012):

Muitas vezes os próprios profissionais policiais consideram que, para exercerem a sua prática, há necessidade de se destituir de capacidades inerentes ao ser humano, como pensar, sentir, experimentar inseguranças e medos (p. 192).

O Capitão Nascimento sente medo da missão que deve realizar e acaba por ficar nervoso durante esta missão. Considero que o personagem depara-se com a falta de

---

<sup>3</sup> “ Os ‘fogueteiros’ são integrantes do tráfico, geralmente crianças muito jovens, que avisam, através de foguetes, quando a polícia aproxima-se da favela.” (SILVA e col,2014,p. 142)

espaço para que este medo seja expresso ou mesmo considerado e reconhecido como importante. Mesmo nos momentos que demonstra sentir uma grande urgência em encontrar um substituto, (sobre quem projeta o que acha que precisa ser ou como gostaria de ser), o medo se faz presente. Teme que não possa ser substituído ou se ausentar deste trabalho do qual já está cansado.

Talvez o personagem do filme tenha traduzido certa consciência de sua insatisfação e seu cansaço com o trabalho e uma pequena margem de possibilidade de experimentar a insegurança e os medos de maneira a modificar o rumo de sua vida. Mas a cena onde Capitão Nascimento solicita seu afastamento do cargo de Capitão do BOPE ao seu superior e têm seu pedido negado parece representar a força das relações de poder pautadas por uma hierarquia, onde a decisão da corporação predomina e desconsidera qualquer sentimento de dúvida ou vontade de mudança, reforçando a identidade masculina pautada na performance de força e de autoridade. Em razão da gravidez de sua esposa, o Capitão Nascimento não queria se expor a novo risco profissional. Termina, contra a sua vontade, obedecendo seu superior, apesar dos seus sentimentos de responsabilidade paterna e cansaço da profissão. Medo de não conseguir prover sua família? Medo de ser visto como covarde? Não se reconhecer como homem se mudar a direção dos seus valores, do que seja importante para si?

Em cena final escolhida, Capitão Nascimento coloca a bandeira do BOPE por cima da bandeira do Brasil que estava sobre o caixão de seu companheiro de equipe morto. Ao mesmo tempo que demonstra a importância que dá ao vínculo com o amigo, impõe o gesto de consideração. No símbolo de sua equipe, não estaria a representação da força desses laços corporativistas? Mais importante do que o símbolo de uma nação? Sobre um caixão repousam duas bandeiras. Jaz um vínculo importante, um pouco do próprio Capitão.

## 5.2. Linha do Tempo 2- Família

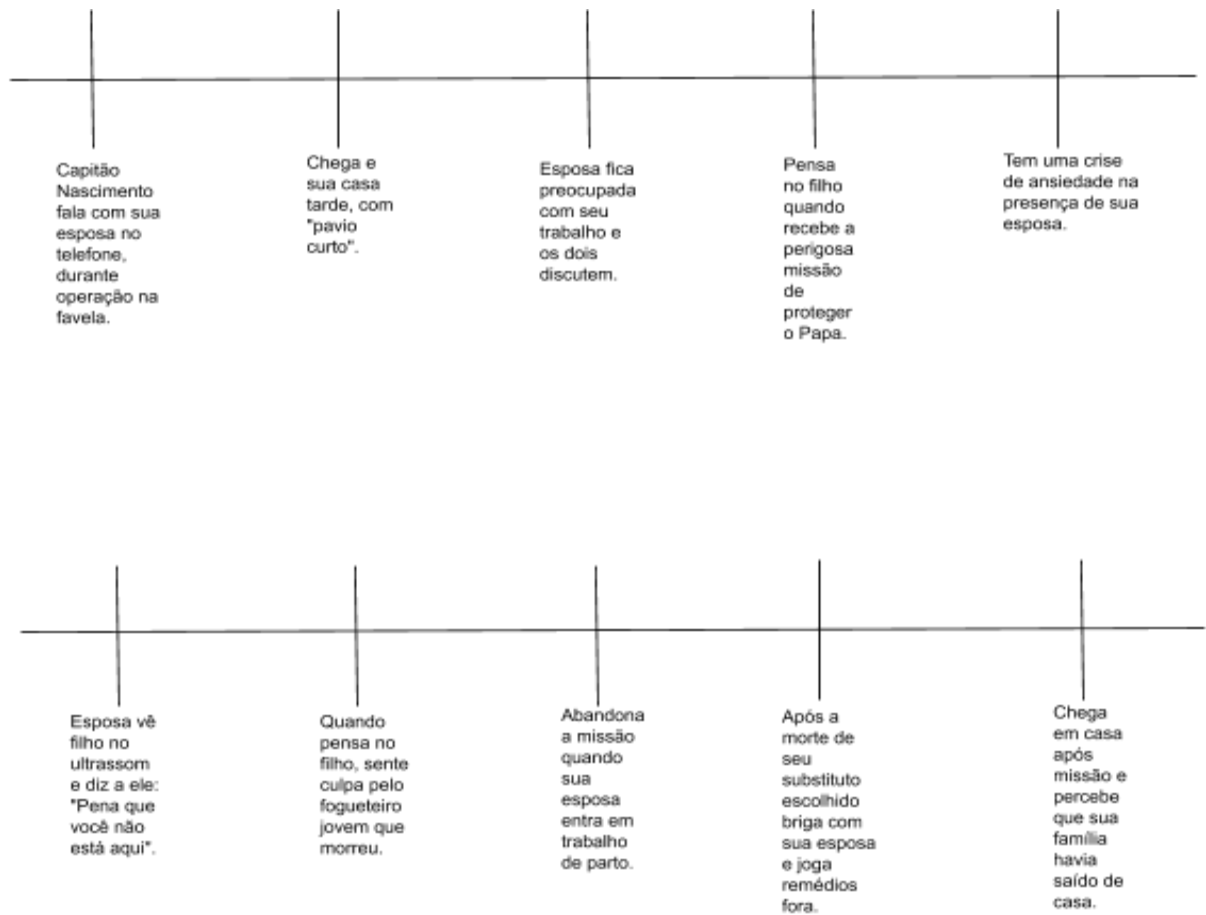


Figura 3

Ao pensar na história da família de Capitão Nascimento, podemos dividir as situações mais importantes em alguns momentos mais significativos. O primeiro momento, onde o personagem fala com sua mulher ao telefone durante uma arriscada missão, é importante para a compreensão de que o trabalho policial dispõe de situações que produzem emoções da vida profissional e pessoal simultaneamente, por exemplo: a ansiedade de estar em perigo de vida durante a missão em confronto com o carinho que fornece a sua esposa em um momento tão importante para a família.

O segundo momento é a chegada do personagem em sua casa onde, o personagem não consegue distinguir as emoções originárias do pessoal e as do profissional e, acaba por descontar uma raiva grande em seu ambiente familiar. Situações semelhantes a esta se repetem algumas vezes no filme, e podem também ser relacionadas ao sentimento de uma masculinidade que precisa constantemente ser manifestada e expressa.

Em um terceiro momento, onde Nascimento está realizando um exercício físico na companhia de sua esposa e tem uma crise de ansiedade que o impossibilita a se mexer, o esgotamento psicológico e a presença deste na vida pessoal aparecem novamente, trazendo o questionamento: onde um profissional como ele pode ser cuidado?

Além das emoções que emergem de uma profissão bastante pautada no estresse, há uma constante negação do personagem em relação à gravidade e à influência destas em sua vida familiar. Esta negação de entrar em contato com os sentimentos, oriunda de um indivíduo que sofre estresse, conflitos provenientes de uma masculinidade "em cheque" e outras emoções trazidas pela profissão, causa uma separação no casamento de Nascimento.

Ou seja, ainda que esta destituição de capacidades inerentes ao ser humano, ou a negação da presença de emoções significativas e conseqüentemente a ausência do cuidado com estas, não seja o único motivo que levou a família do personagem a se afastar, é possível que tenha sido um dos principais motivos. Pensando nisto, a família

de um integrante da polícia militar tem que lidar com uma agressividade desconhecendo os motivos, o que dificulta a compreensão dessas emoções e sentimentos. No caso de Capitão Nascimento e de acordo com Liliana Liviano Wahba e Barbara Tancetti, essa agressividade é produto de um conflito intrínseco entre o papel social do personagem e o papel de pai:

Nascimento vivencia um conflito interno, manifesto nos sintomas agudos de ansiedade. Ele engata na tarefa de buscar um sucessor, uma vez que seu papel social e coletivo não é compatível com o papel emergente de pai, que não é capaz de perdurar em um contexto profissional tão violento (WAHBA; TANCETTI, 2017, p. 114).

Inclusive, para os autores do artigo “Masculinidade em xeque: reflexões sobre uma experiência em grupo de homens.”, o pai é o referencial masculino na vida de um homem e o reconhecimento do afeto nessa relação pode fornecer uma flexibilidade para o olhar sobre a masculinidade. Nas palavras dos autores:

Nessas discussões predominavam falas que referiam à ausência do pai no que tange ao cuidado e convivência diária, porém registra-se que a decisão e punições mais rígidas ficavam a cargo da figura paterna. Para Osherson (1992), o pai é, geralmente, o referencial masculino primordial na vida de um homem e o resgate do afeto na relação com ele pode significar uma oportunidade de olhar sob uma nova perspectiva suas relações masculinas. Segundo o autor, o reconhecimento desse afeto contribui para uma flexibilização da visão sobre a masculinidade (FREITAS; MACHADO; SCARPARO apud OSHERSON, 2011, p. 118)

Portanto, poderíamos pensar que, para Capitão Nascimento, no conflito interno entre o papel coletivo e o papel de pai também está inclusa uma possibilidade de um pai que irá impor a masculinidade e fornecer pouco espaço para a flexibilidade desta, assim como faz em seu ambiente profissional. Será então este papel social de pai também pautado por uma grande insegurança que torna mais difícil o abandono de seu lugar na corporação?

A última cena, representada na *Linha do Tempo 2- Família*, onde o personagem percebe que sua família o deixou, é um momento muito significativo que estampa o desfecho do conflito entre o papel do personagem para sua família e o papel de Capitão para corporação militar, incluindo a importância dos vínculos compostos nos dois contextos. Neste desfecho, o seu papel profissional sobrepõe o seu lugar como pai e marido, causando muita dor e angústia para Nascimento apesar de, indiretamente, ter escolhido priorizar a sua rede social pessoal estruturada no ambiente profissional.

### 5.3. Linha do Tempo 3- Amizades e Relações Comunitárias

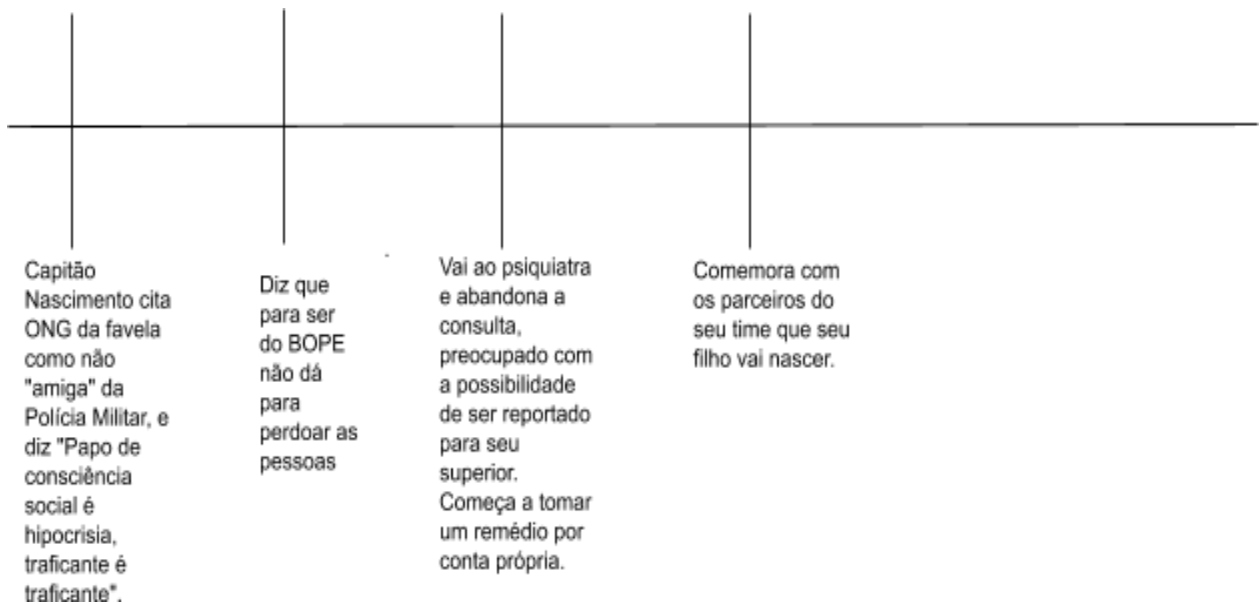


Figura 4

Partindo da escassez de situações em que o personagem está diante de amizades fora do âmbito profissional, trarei novamente a pesquisa "Saúde Mental do Policial Militar: Relações Interpessoais e Estresse no Exercício Profissional", para compreender, através das percepções dos participantes policiais que, o afastamento de relações fora do âmbito profissional é uma consequência do desenvolvimento da carreira policial militar:

[...] a escala de isolamento que apresenta um leve aumento do primeiro para o último estágio, caracterizando que o policial mais experiente percebe-se levemente afastado das situações sociais (COUTO et al., 2012, p. 192).

Mesmo que poucos, os momentos do filme expostos na linha do tempo são um bom retrato desta concepção de que ao se tornar um policial militar, e com decorrer da carreira, as relações de amizade centrais da vida destes indivíduos são as que se formam no âmbito profissional. Existe aqui, uma "confiança" que está presente nas relações de trabalho e ausente nas relações externas e este ambiente, como por exemplo em uma cena do filme onde Capitão Nascimento diz "Não dá para ser policial e entrar para a galera" ou no momento em que afirma que para fazer parte do BOPE não dá para perdoar as pessoas. Podemos reparar que, nestes dois momentos descritos, a centralidade e importância das relações interpessoais que se formam entre os policiais é nítida pois, quase todas as outras oportunidades de amizades externas ao trabalho são excluídas e chegam a ser "proibidas", não cabem no dia-a-dia de um policial. Existe uma espécie de código de conduta que pactua o vínculo de lealdade ao papel profissional e às pessoas com a mesma função.

Conforme a mesma pesquisa "Saúde Mental do Policial Militar: Relações Interpessoais e Estresse no Exercício Profissional", a confiança entre os trabalhadores policiais é um item frequentemente encontrado nos resultados. Relações amigáveis e confiantes constroem o contexto destes vínculos.

Cappelle e Melo (2010, p. 91), apresentam os relacionamentos interpessoais entre estes profissionais como uma consequência esperada da profissão. Esta característica se encontra evidente no momento em que Capitão Nascimento comemora o nascimento de seu filho com os parceiros de seu time, por exemplo.

A organização possui tradição em interferir na vida profissional de seus integrantes. Antigamente, até a permissão para casar tinha de ser pedida ao comandante pelas policiais. Muitos formam

família dentro da organização, o que fortalece os laços entre a Polícia Militar e seus membros (CAPPELLE; MELO, 2010, p. 93).

Em outra pesquisa que traz à tona o protagonismo das amizades entre os policiais militares, os relatos de alguns participantes também incluem a importância do termo "confiança" como por exemplo, o relato do Efem 12 " Meu motorista sempre é meu melhor amigo . Também porque ele que está trabalhando comigo. Eu dou a confiança da minha vida para ele" (CAPPELLE; MELO, 2010, p. 16) ou o do Efem 15 que diz:

O que mais marca aqui dentro da corporação é o relacionamento interpessoal, você tem que ter o meio-termo, você tem que ser uma pessoa respeitada pelos seus méritos, mas você tem que saber que o seu subordinado tem que confiar em você, para que você possa dar resposta para ele (CAPPELLE; MELO, 2010, p. 15).

Assim sendo, as amizades se tornam necessárias para que haja um comprometimento com a carreira de policial militar. Não só para que seja possível um forte engajamento, mas para que o trabalho e suas implicações sejam suportados. Os grupos que se formam e as amizades que nascem dão suporte, sustentam a vida profissional, que tem como características uma centralidade na vida destes indivíduos. Portanto, esta rede social fechada suporta e compartilha quase que "toda a vida" destas pessoas, como uma família unida. Inclusive, a cena onde Capitão Nascimento coloca a bandeira do BOPE por cima da bandeira do Brasil, que estava colocada no caixão de seu companheiro no momento final de seu enterro, representa claramente a importância dos vínculos relacionais formados no ambiente profissional para o personagem principal.

Na narrativa a respeito das relações comunitárias presentes na vida de Capitão Nascimento, podemos observar que existência destas também é relativamente pequena. É possível perceber que os momentos importantes estão resumidos em

situações onde o personagem critica e desqualifica qualquer envolvimento policial com qualquer tipo de trabalho de âmbito social, critica o sistema que envolve a profissão e onde recusa qualquer apoio que venha de fora. No decorrer das cenas, o personagem se torna autônomo a um sistema de apoio. Se torna "escondido", fora de qualquer possibilidade de ajuda. Fica perceptível então, a dificuldade de confiança com as relações comunitárias.

Através da análise da terceira cena, podemos pensar nesta dificuldade em confiar, em correlação com as relações centrais da vida do personagem baseadas em uma hierarquia. As paranoias que o personagem expõe, possivelmente derivam e são marcadas pela consequência destas relações de poder. Neste sentido, a pesquisa realizada por Mônica Carvalho Alves Cappelle e Marlene Catarina de Oliveira Lopes Melo (2010) traz as relações de poder entre os policiais militares, como forte o suficiente para a organização em questão agir como reguladora do comportamento de seus membros, na vida profissional e pessoal.

Ou seja, a rejeição do personagem em relação à ajuda psiquiátrica, pautada pela desconfiança da existência de um sigilo ético por parte da profissional de saúde, pode ser facilmente compreendida dentro do pensamento de que é construída uma desconfiança com base na presença da hierarquia na vida destes sujeitos. Esta rejeição, ou pouca busca de sistemas de apoio, pode também estar relacionada à concepção de masculinidade que trouxemos ao longo do texto, concepção esta que posiciona o masculino em um lugar de precisar ser forte ou não poder ficar doente.

Apesar de, aparentemente, não haver espaço na profissão para a atuação sistemas de apoio, podemos pensar a psicologia como de extrema importância e relevância dentro deste contexto militar.

O impacto da falta de sono, do cansaço constante e da irritabilidade, especialmente em policiais que efetuam o policiamento ostensivo, é temeroso, considerando-se a necessidade de atenção e controle emocional no desempenho

desta atividade. Desta forma, o controle do estresse é de fundamental importância (OLIVEIRA; BARDAGI, 2012, p. 163).

Gleiber Couto, Emerson de Araújo Garro Brito e André , em sua pesquisa já citada no decorrer do texto, encaminham para o assunto a necessidade de uma introdução de medidas de controle de estressores para proteger os oficiais de danos na saúde, ocasionados por esse estresse. Afinal, sintomas psicológicos foram registrados em 76% dos policiais com estresse, e sintomas físicos, em 24%.

## 7- DISCUSSÃO

Começarei a conclusão do trabalho, propondo uma breve discussão sobre a violência presente nos aspectos da vida dos policiais militares no Brasil. Estes, que recebem um tratamento onde ficam "aprisionados" em um tipo de trabalho que demanda prioridade máxima e esgotamento físico e psicológico, não tem direito a nenhum tipo de escolha dentro da corporação.

A resposta a este sistema onde a agressão é conduta, e onde com agressão se aprende, consiste em formas de comunicação que também envolvem exclusivamente agressão e violência, como válvulas de escape caracterizadas por torturas de bandidos por exemplo. Este sistema não contém, disponibiliza ou engloba relações comunitárias de saúde como essenciais. A partir disso, questiono: como vão agir de outra maneira, se assim são treinados? Todo este contexto está englobado em uma cultura de tortura. Quem se encontra dentro desta é "obrigado" a gostar de tortura e a adotar esta como conduta de trabalho, é obrigado a matar sem questionar e associar punição e motivação. Esta cultura, da qual me refiro neste parágrafo, se torna então base do treinamento policial militar, onde somente as pessoas que também passam pelas mesmas situações podem entender completamente as emoções que nascem deste contexto. Ressalto que, a violência presente dentro desta corporação não é somente física. Existe uma violência que consiste na "proibição da fala", na violação do direito básico humano de comunicação e expressão, o que torna os policiais militares também desprotegidos, assim como os bandidos.

Estas relações de parceria, compartilham tanto a punição e a recompensa deste estilo de vida, quanto a culpa que nasce deste também. Se compartilham sentimentos de incertezas e angústias, muitas vezes só compreensíveis por similares. Da mesma forma, um sentimento aguçado de "super herói" também é repartido entre os parceiros de trabalho e, ao mesmo tempo, não é compreendido pela sociedade brasileira que se

apresenta com base em uma desconfiança constante, tornando ainda mais necessária a parceria do time.

Além disso, podemos dizer que estas relações são baseadas também no perigo onde, além de ter que saber causar a morte, é necessário saber proteger a si mesmo e aos demais diante a situações difíceis. Para que a profissão aconteça e seja possível, desta maneira que foi estabelecida, se torna necessária e indispensável esta rede pessoal que formada no trabalho e que, envolvendo todos estes quesitos, conseqüentemente se torna central na vida destas pessoas. Portanto, estas serão relações que “ocupam o lugar”, que substituem e que, na medida que são prioridade, envolvem um nível de confiança máximo.

Vimos que o trabalho policial, que se refere muito à capacidade de resposta e enfrentamento, acaba por ter muita influência e presença nas vidas dos Policiais Militares. Mesmo em casa, em repouso, o trabalho se faz presente, as relações domésticas são afetadas. Conforme as pesquisas citadas anteriormente, os resultados mostram que os indivíduos que fazem parte desta corporação passam muito tempo juntos no ambiente de trabalho, sendo que cerca de 4 em 10 trabalhadores revelou não possuir sequer um dia de folga por semana (quando estão de folga não ficam com a família, ou tem conflitos com estas). Ou seja, conseqüentemente a rede pessoal do Policial Militar se concentra ainda mais nas relações dentro do trabalho e sem este a rede se esvazia:

O relacionamento interpessoal e o reforço do trabalho em equipe na Polícia Militar são aspectos considerados bastante importantes para a sobrevivência e o sucesso na carreira (CAPPELLE; MELO, 2010, p. 88).

Durante os momentos salientados nas linhas do tempo, podemos perceber que o personagem principal não acolhe, ou nem mesmo aceita, que relações de amizade sejam firmadas fora da corporação. Expõe claramente, quando percebe que seu colega e possível substituto Mathias começa a fazer amizades na faculdade, a sua convicção

de que não dá para ser policial e "entrar para a galera". Além disso, na cena em que comemora nascimento de seu filho com seu time, pode-se reparar nitidamente as relações interpessoais, formadas no âmbito profissional, funcionando como cumpridoras de papéis de apoio e de amizade. Isso se torna ainda mais evidente quando as cenas, representativas de papéis de amizade, incluem somente as parcerias formadas no âmbito profissional.

Particularmente no Brasil, as relações de gênero construídas socialmente trazem o masculino dominante como valorizado e a violência por medo como reafirmação desse gênero, da mesma forma que ainda traz o feminino como sinônimo de impotência. Desta maneira, podemos dizer que a profissão militar ainda traz aspectos ideais e valorizados de uma masculinidade que tem medo da impotência, como disse o autor Roberto DaMatta (2010). Esta masculinidade tem como característica uma hierarquia que inclui rigidez e padronização, tem a ver com estabelecimento de poder. Frente a este panorama, podemos pensar o trabalho da Polícia Militar como corporação que está constantemente aplicando um "teste de masculinidade", onde a negação de sentimentos é valorizada e inclui representações simbólicas desta condição, como por exemplo: o uniforme. Portanto, a profissão pode ser vista como "masculina" aos olhos de uma sociedade onde ainda o feminino é atrelado à uma fragilidade e onde há um esforço para manter a profissão dentro deste gênero.

Pensando sobre estes tópicos, é possível refletir sobre o trabalho da Psicologia diante destes desafios. É necessário, que o trabalho de saúde possa desentrelaçar a rede social pessoal do Policial Militar, afinal, como retratado pelo gráfico do texto de Sluzki (capítulo 3), a rede social dos indivíduos deste trabalho não ocupa só  $\frac{1}{4}$  da vida como a maioria das outras pessoas, o que evidencia um equilíbrio necessário para uma saúde emocional. O trabalho consiste em redes sociais muito bem definidas e atributos do vínculo também muito salientes porém, não há ajuda material e de serviços de saúde, ou seja, é clara a necessidade de mais Psicologia neste campo.

Estudar questões acerca do estresse e do relacionamento interpessoal entre os policiais é primordial para a compreensão da saúde mental dessa categoria, e seus resultados podem apontar melhorias a serem implementadas na formação e educação permanente destes (COUTO et al., 2012, p. 186).

Poderia se pensar que, outra possível atuação da Psicologia seria trabalhar com a possibilidade de uma desconstrução da noção de poder e do pensamento de que este seria onipresente, pensamento este reativo a um possível medo do estresse figurado. Afinal, como é bem representado pela cena onde Nascimento deixa o consultório de psiquiatria por medo de que seus superiores tomassem conhecimento de suas emoções, a desconfiança em relação às relações comunitárias tem base na influência deste medo (que é resultado do ambiente profissional). Além deste fator associado às relações pautadas por uma hierarquia, podemos pensar que a baixa procura pela Psicologia também está relacionada a um comportamento estabelecido como masculino, partindo do pressuposto de que a maior parte dos homens não investem no cuidado preventivo ou demoram para procurar ajuda em relação à saúde, partindo de um sentimento de uma masculinidade invulnerável e não passível de fragilidades. Nas palavras de Freitas, Machado e Scarparo (2011):

O resultado desta desproporcionalidade pode ser devido à baixa procura por atendimento, por parte dos homens, resultando que os mesmos cheguem nos serviços de saúde em um estado de adoecimento mais agravado ou até mesmo não terem este atendimento, enquanto que as mulheres investem no cuidado inicial e preventivo (FREITAS; MACHADO; SCARPARO, 2011, p. 116).

Portanto, continua sendo um desafio para a Psicologia conquistar um espaço amplo de intervenção neste contexto e conseguir estabelecer um vínculo de confiança com estes indivíduos e, ao meu ver, para que este processo se torne possível, deveria-se também trabalhar esta noção de masculinidade e de poder e, então, com a desconstrução destas.

Reconhecer os significados pertencentes ao ser homem na contemporaneidade, principalmente desta dificuldade em se abrir para o contato com outras formas de masculinidade, acarreta na busca por intervenções que não pautem pedagogias acerca da saúde, mas que provoque movimentos de abertura para outras possibilidades de se reconhecer como homem (FREITAS; MACHADO; SCARPARO, 2011, p. 119).

É interessante pontuar que, a acupuntura, psicoterapia e fisioterapia são trazidas como atividades de bastante demanda dos oficiais, suboficiais e sargentos dos setores administrativos e operacionais.

A psicoterapia é procurada com maior frequência por policiais dos setores operacionais do que administrativos e a busca é maior entre oficiais, suboficiais e sargentos (6,5% operacionais e 2,8% administrativos) do que entre os cabos e soldados (2,9% versus 1,7%, respectivamente) (MINAYO; SOUZA; CONSTANTINO, 2008, p. 253).

Este fato, de que a psicoterapia é requisitada principalmente por Policiais Militares de alto cargo, também me faz pensar em uma possível exclusão social deste grupo de trabalhadores por parte das áreas da saúde em razão de estigmatização, generalizações, um pré-conceitos sobre a profissão de polícia. O baixo número de trabalhos e pesquisas sobre o assunto, por exemplo, pode ser uma demonstração deste posicionamento segregador. Assim como, o círculo fechado de relações pessoais dos trabalhadores policiais que pode ocupar um lugar de resposta a essa impossibilidade de contar com uma rede social ampla.

É importante ressaltar que, este possível pré-conceito surge de uma temática social importante que não deve ser ignorada e que, de fato, existem problemáticas sociais sobre uma violência onde a polícia militar está envolvida, que tornam essa objeção digna de ser ouvida e discutida. Afinal, a Polícia Militar é pautada por uma rígida disciplina que, por um lado organiza mas, por outro, estigmatiza.

Nesta linha de pensamento, a vida social do policial fora do trabalho se torna não compatível com a profissão pois, é quase impossível obter um "balanceamento" ou equilíbrio onde o trabalho é precedência. Podemos pensar então que, da mesma forma que o trabalho e a corporação tem lugar de destaque na vida dos policiais, as relações lá formadas também tem. Esta, acaba sendo uma dinâmica de relações que se mantém em um ciclo na medida que, há uma crescimento contínuo das diversas formas de violência no trabalho do policial militar.

A família do trabalhador policial militar se depara com a necessidade de lidar com a agressividade do seu marido, ou pai em casa, nem sempre conhecendo ou compreendendo a origem das emoções, sentimentos, e comportamentos derivados deste trabalho e das situações que os motivos ou as o que incrementa as dificuldades domésticas. Novamente, as relações no ambiente profissional se tornam único espaço para falar sobre o trabalho e experiências, espaço no qual até a falta de eficiência pode ser compreendida. A família pouco está no contexto de vida do policial e muitas vezes não se acostuma com o trabalho, o que reforça a importância da corporação.

Uma vez sem o trabalho, a rede do Policial Militar se esvazia pois, esta inclui mais outros Policiais Militares do que qualquer outra relação advinda de um contexto externo ao trabalho. Para os indivíduos inseridos na corporação, há uma construção da auto-imagem a partir desse contexto e se torna difícil de romper com essa rede social central.

Além disso, estamos falando de uma rede que não pode ser desativada em momentos de crise, como o que aconteceu com o personagem do Capitão Nascimento no decorrer das cenas onde, ele tenta sair da corporação e não consegue. Cada relação construída na vida de um indivíduo envolve uma história que aborda a forma pela quais as pessoas se conheceram, e outras informações que estimulam a manutenção desta. No caso da Polícia Militar, esta história de relação é principalmente sobre vida e morte e é também compatível com a violência e agressividade com as quais precisam conviver. Portanto, este rede pessoal formada dentro da corporação do policial militar o protege em oposição aos desafios do trabalho que compartilha e, de

certa forma, está "preparada" para agir diante dos processos de vida e morte de um sujeito. Mais do que isso, penso que possivelmente o comprometimento com a carreira policial advém e se torna tolerável por causa da solidez das relações interpessoais, que se tornam parcerias tão importantes.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Miguel Vale. Gênero, masculinidade e poder: revendo um caso do sul de portugal. **Anuário antropológico** , Rio de janeiro,p.161-189, 1996.

BLOG DO POLIGLOTA. **O cruel treinamento militar que deforma os policiais do brasil**. Disponível em:

<<http://tenpoliglota.blogspot.com/2015/07/o-cruel-treinamento-militar-que-deforma.html>>

. Acesso em: 24 jul. 2015.

CAPPELLE, Mônica Carvalho Alves; MELO, Marlene Catarina De Oliveira Lopes.

Mulheres policiais, relações de poder e de gênero na polícia militar de minas gerais .

**Ram, rev. adm. mackenzie**, São paulo, v. 11, n. 3, mai./jun. 2010.

COUTO, Gleiber C. et al. Saúde mental do policial militar: relações interpessoais e

estresse no exercício profissional. **Psicologia argumento**, Curitiba, v. 30, n. 68, p.

185-194,mar. 2012.

DAMATTA, Roberto. Tem pente aí?: reflexões sobre a identidade masculina. **Revista**

**Enfoques**: revista semestral eletrônica dos alunos do Programa de Pós- graduação em Sociologia e Antropologia da UFRJ, Rio de Janeiro, v. 9, n. 1, p. 134-151 ago. 2010.

DERENUSSON, Fernando C.; JABLONSKI, Bernardo. Sob fogo cruzado: o impacto do

trabalho policial militar sobre a família do policial. **Aletheia**, Canoas, n. 32, p. 22-37,

ago. 2010.

FERREIRA, Daniela Karina Da Silva; BONFIM, Cristine; AUGUSTO, Lia Giraldo Da

Silva. Fatores associados ao estilo de vida de policiais militares. **Ciência & saúde**

**coletiva**, Rio de janeiro, v. 16, n. 8, ago. 2011.

FREITAS, Breno Irigoyen; MACHADO, Rodrigo De Oliveira; SCARPARO, Helena B. K.

Masculinidade em xeque: reflexões sobre uma experiência em grupo de homens.

**Revista da sociedade de psicologia do rio grande do sul** , Rio Grande do Sul, v. 12,

n. 1, p. 114-120, jan./jul. 2011.

JUNIOR, Plínio A.M. **TORNAR-SE HOMEM- O projeto masculino na perspectiva de gênero**. São Paulo, 2006. Tese (Doutorado em Psicologia Clínica)- Faculdade de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

LEGISLAÇÃO ESTADUAL . **Regulamento disciplinar da polícia militar do estado de Santa Catarina (rdpmsc)**. Disponível em:

<<http://server03.pge.sc.gov.br/legislacaoestadual/1980/012112-005-0-1980-000.htm>>.

Acesso em: 16 set. 1980.

LIMA, Maria Thereza de Alencar. **Ser ou não ser: a experiência do homem nos cuidados dos filhos da companheira**. São Paulo, 2003. Tese (Doutorado em Psicologia Clínica)- Faculdade de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

MINAYO, Maria Cecília De Souza; SOUZA, Edinilsa Ramos; CONSTANTINO, **"Missão Prevenir e Proteger"**: condições de vida, trabalho e saúde dos policiais militares do Rio de Janeiro. Edição. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2008.

MORÉ, Carmen Leontina Ojeda Ocampo; CREPALDI, Maria Aparecida. O mapa de rede social significativa como instrumento de investigação no contexto da pesquisa qualitativa . **Nova perspectiva sistêmica**, Rio de Janeiro, n. 43, p. 84-98, ago. 2012.

OLIVEIRA, Katya Luciane; SANTOS, Luana Minharo Dos. Percepção da saúde mental em policiais militares da força tática e de rua. **Sociologias**, Porto Alegre, v. 12, n. 25, p. 224-250, set./dez. 2010.

OLIVEIRA, Paloma Lago Marques; BARDAGI, Marúcia Patta. Estresse e comprometimento com a carreira em policiais militares . **Boletim de psicologia**, São Paulo, v. 59, n. 131, dez./mar. 2012.

RIBEIRO, Ludmila. Polícia militar é lugar de mulher?. **Revista estudos feministas** , Florianópolis, v. 26, n. 1, p. 1-15, 2018.

SILVA, Alexandre Rocha; FILHO, Gabriel De Andrade Junqueira; BENTZ, Ione. *Semiótica e linhas de fuga*. 1 ed. São Paulo: Editora Kuzuá, 2014.

SLUZKI, Carlos E. **A rede social na prática sistêmica: Alternativas terapêuticas**. 1 ed. São Paulo : Casa do Psicólogo, 1997.

SPODE, Charlotte Beatriz; MERLO, Álvaro Roberto Crespo. Trabalho policial e saúde mental: uma pesquisa junto aos capitães da polícia militar. **Psicologia: reflexão e crítica**, Porto alegre, v. 19, n. 3, 2006.

SOUZA, Edinilsa R. et al. Fatores associados ao sofrimento psíquico de policiais militares da cidade do Rio de Janeiro, Brasil. **Cadernos de saúde pública**, Rio de janeiro, v. 28, n. 7, jul. 2012.

WAHBA, Líliliana Liviano; TANCETTI, Barbara. A violência e a paternidade na cultura: tropa de elite. **Psicologia revista**, São paulo, v. 26, n. 1, p. 109-117, 2017.

## ANEXO

### *Resumo do Filme "Tropa de Elite"*

O filme "Tropa de Elite", baseado no livro "Elite da Tropa" escrito por Luiz Eduardo Soares, André Batista e Rodrigo Pimentel (2006) e dirigido por José Padilha com lançamento em 2007, descreve fatos ocorridos na segurança pública do Estado do Rio de Janeiro na década de 90 durante a visita do Papa João Paulo II. O filme é narrado pelo seu personagem principal, Capitão Roberto Nascimento, que é o capitão do Batalhão de Operações Especiais (BOPE)<sup>4</sup>, Tropa de Elite da Polícia Militar carioca, reconhecida internacionalmente como força de combate urbano. Sua narrativa, durante o filme, aborda a realidade diária da Polícia Militar do Estado do Rio de Janeiro e é baseada, segundo o diretor, em relatos de fatos reais feitos por Policiais Militares.

Como dito anteriormente, o personagem central da trama é um Capitão da Polícia Militar e a história gira em torno da necessidade e dificuldade deste capitão de achar um substituto para o seu trabalho, decisão esta motivada pelo nascimento de seu filho. Contudo, em um contexto onde a polícia tomada pela corrupção, esta busca acaba se transformando em uma missão quase irreal.

Ao mesmo tempo em que a procura por um substituto ideal se inicia, o filme retrata a entrada de dois policiais, Neto e Mathias, e suas dificuldades em lidar com a polícia corrupta e em conciliar o trabalho de policial com uma rede social fora do trabalho.

No decorrer da história, Capitão nascimento enfrenta vários problemas com a família que não aceita seu trabalho, e com os sentimentos gerados com essa situação.

---

<sup>4</sup> O Batalhão de Operações Policiais Especiais (BOPE) é uma força de operações especiais da Polícia Militar do Estado do Rio de Janeiro, subordinada ao Comando de Operações Especiais.

Finalmente, ele encontra os dois jovens policiais, que se enquadram nas características necessárias para serem um Policial Militar do BOPE da PM do Rio de Janeiro e faz uma primeira escolha.

Até o momento em que esta escolha final de um substituto é de fato feita por Nascimento, o personagem principal continua tendo que lidar com dificuldades em conciliar sua família e seu trabalho.

O filme, além de fazer uma crítica à corrupção da Polícia Carioca, também retrata ao longo de suas cenas uma incompreensão da sociedade em relação ao trabalho do Policial Militar e uma hipocrisia presente nos discursos da classe média, representa no filme por estudantes universitários que consomem drogas e conseqüentemente favorecem a violência no Rio de Janeiro.